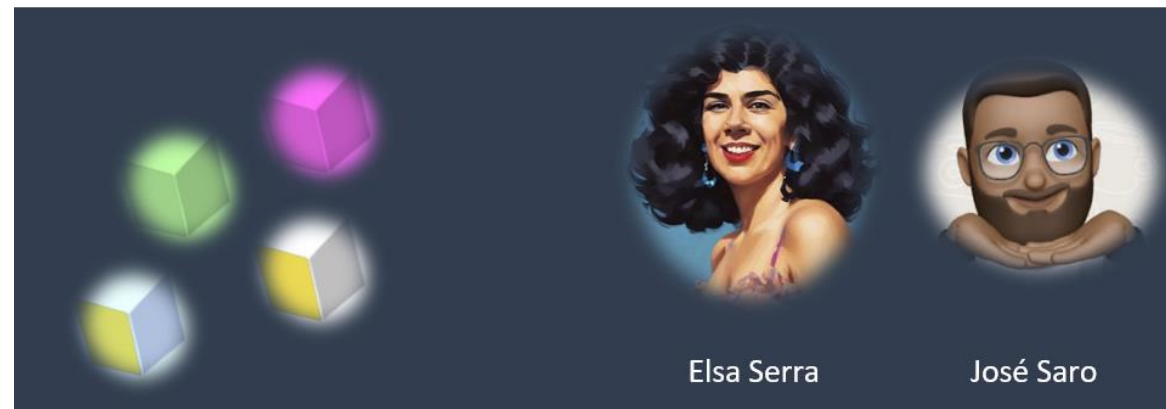




Sejam bem vindos.
Elsa Serra e José Saro



HISTORIAS IGUAIS COM FINAIS DIFERENTES



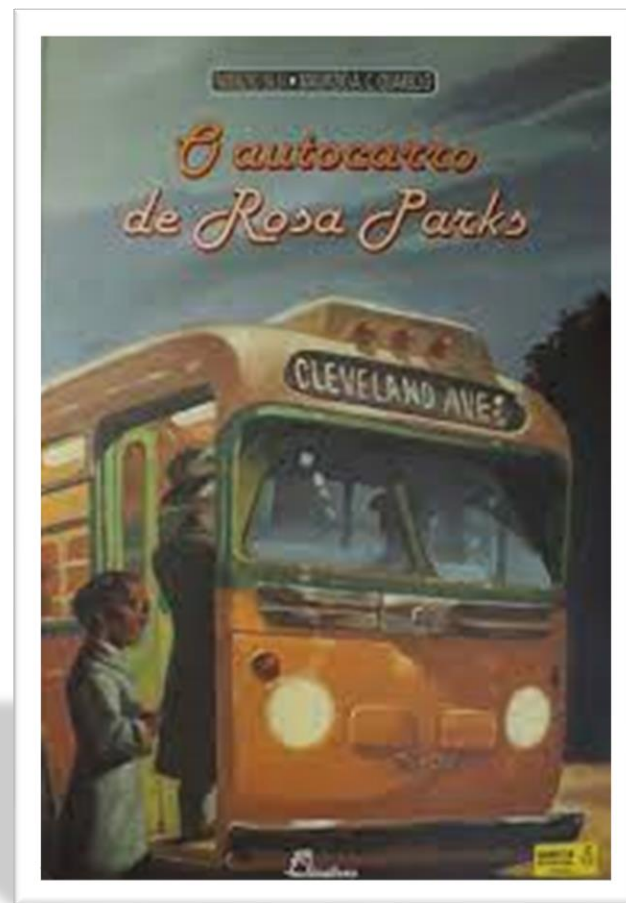
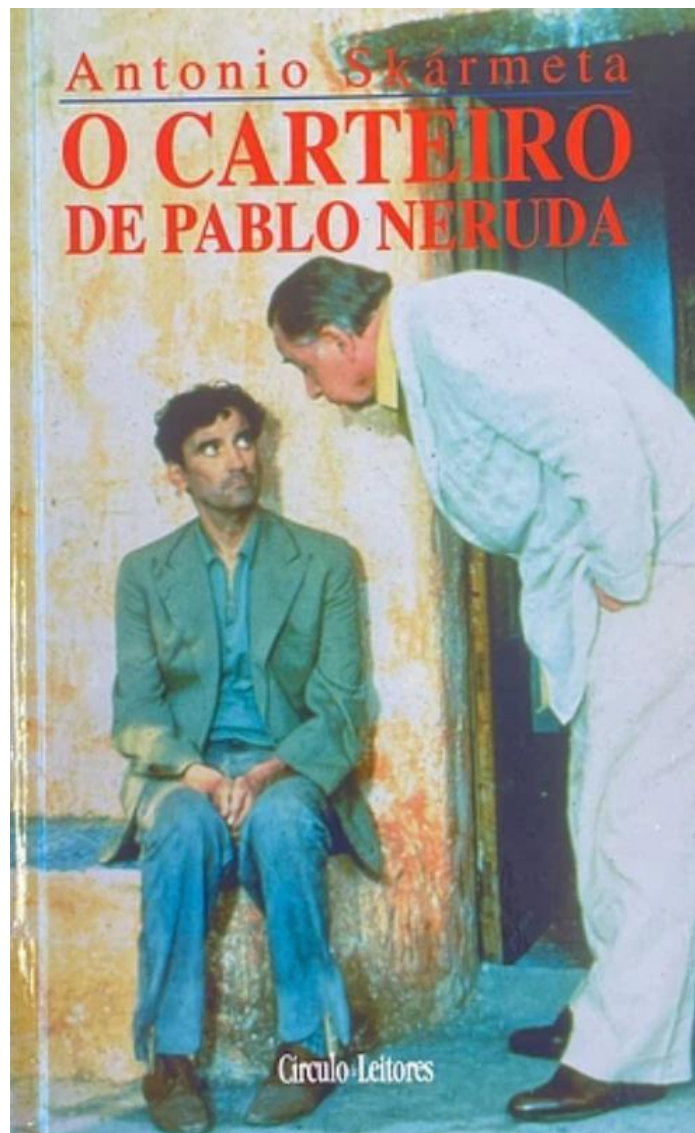
Elsa Serra

José Saro

**Dimensão científico pedagógica para os grupos
200, 210, 220, 300,320, 330, 340 e 350**

e-learning: 25 horas

«A EDUCAÇÃO PELA LEITURA É UM BOM EXEMPLO DE FORMAÇÃO INCLUSIVA ENQUANTO OBJETIVO EDUCATIVO QUE PROMOVE A EQUIDADE PARA A PROMOÇÃO DO SUCESSO EDUCATIVO DE TODOS.»



Em torno de um conceito..



*A **Inclusão** implica uma particular atenção aos **grupos de alunos** que possam estar em risco de **marginalização, exclusão** ou mau aproveitamento.*

UNESCO. (2005). Orientações para a inclusão: garantindo o acesso a todos. [Em linha]. [Consult. 27-04-2023]. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184683>

- Apresentar o documento na totalidade.

CF *Histórias iguais com finais diferentes*

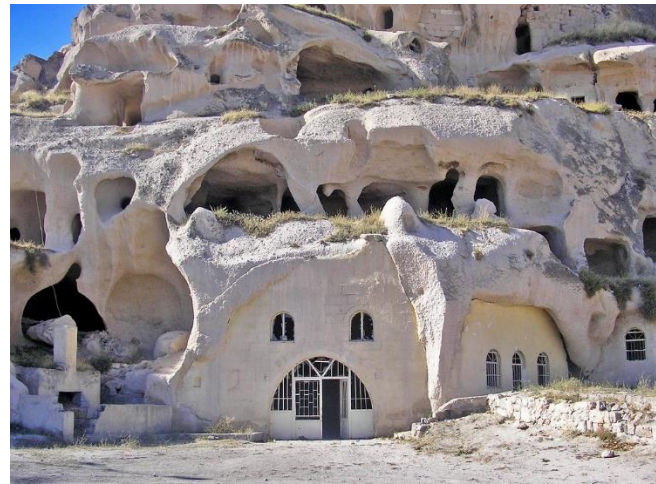
4ª sessão conteúdos (temas e tratamentos inclusivos...)

O perfil do leitor e a seleção de leituras que garantam o acesso universal a todos. Atividades de promoção da leitura: atividades de informação, lúdicas, responsabilizadoras e de aprofundamento que agilizem o direito de todas as crianças e alunos ao acesso e participação, de modo pleno e efetivo, aos mesmos contextos educativos. Seleção de fundo documental inclusivo para e exercícios de oralidade e reescrita.

Tarefas “o que não se vê...não se lembra...!”

- Num espaço inesperado capta uma imagem inclusiva (a metáfora também conta...) e discorre sobre alguns labirintos de um potencial enredo naquele espaço...

Exemplos



Göreme, Capadócia, Turquia



As Buracas do Casmilo freguesia do Zambujal, Condeixa-a-Nova.

Uma semana andou Mario com as metáforas atravessadas na garganta. Beatriz, ou estava presa no seu quarto, ou saía para fazer compras ou para passear até às rochas com as garras da mãe no seu antebraço. Seguia-as a muita distância escondendo-se por entre as dunas, com a certeza de que a sua presença era um machado na nuca da senhora. Sempre que a rapariga se virava, a mulher endireitava-a com um puxão de orelhas, que nem por protector se tornava menos doloroso.

À tarde, ouvia inconsolável *La Vela* de fora da taberna, com a esperança de que alguma sombra lha trouxesse dentro dessa minissaia que até às alturas sonhava ele levantar com a ponta da sua língua. Com mística juvenil, decidiu não aliviar por meio de nenhuma arte manual a fiel e crescente erecção que dissimulava sob os volumes do vate de dia, e que se proibia até à tortura durante as noites. Imaginava, com perdoável ro-

mantismo, que cada metáfora enfiada, cada suspiro, cada antecipação da língua dela nos seus lóbulos, entre as suas pernas, era uma força cósmica que nutria o seu esperma. Com hectolitros dessa enriquecida substância faria levitar de felicidade Beatriz González, no dia em que Deus se decidisse a provar que existia pondo-a nos seus braços, quer fosse via enfarte de miocárdio da mãe ou rapto famélico.

Foi no domingo dessa semana que o mesmo camião vermelho que tinha levado Neruda dois meses antes o trouxe de volta ao seu refúgio da Ilha Negra. Só que agora o veículo vinha forrado de cartazes de um homem com cara de pai severo, mas com terno e nobre peito de pomba. Por baixo de cada um deles dizia o seu nome: Salvador Allende.

Os pescadores começaram a correr atrás do camião, e Mario provou com eles os seus escassos dotes de atleta. No portão da sua casa, Neruda, com o poncho dobrado sobre o ombro, e o seu clássico gorro, improvisou um breve discurso que a Mario pareceu eterno:

— A minha candidatura foi um rastilho — disse o vate, aspirando o aroma desse mar que também era a sua casa. — Não houve lugar aonde não me chamaram. Cheguei a enternecer-me perante aquelas centenas de homens e mulheres do

povo que me apertavam, beijavam e choravam. A todos eles eu falava ou lia os meus poemas. Em plena chuva, às vezes, na lama das ruas e caminhos. Sob o vento austral que faz tiritar a gente. Eu estava entusiasmado. Cada vez assistia mais gente aos meus comícios. Cada vez vinham mais mulheres.

Os pescadores riram.

— Com fascinação e terror comecei a pensar o que iria fazer, se fosse eleito presidente da República. Então veio a boa notícia. — O poeta estendeu o braço apontando para os cartazes no camião. — Surgiu Allende como candidato único de todas as forças da Unidade Popular. Com a prévia aceitação do meu partido, apresentei rapidamente a desistência da minha candidatura. Perante uma imensa e alegre multidão, falei eu para renunciar e Allende para concorrer.

O seu auditório aplaudiu com uma força superior ao número ali reunido, e quando Neruda desceu o degrau, ávido de se reencontrar com o seu escritório, conchas, versos interrompidos e carrancas de proa, Mario abordou-o com duas palavras que soaram como uma súplica.

— Don Pablo...

O poeta fez um subtil movimento, digno de toureiro, e evitou o rapaz.

— Amanhã — disse-lhe —, amanhã.

Nessa noite o carteiro entreteve a sua insónia contando estrelas, roendo as unhas, acabando com um áspero vinho tinto e coçando as bochechas.

Quando no dia seguinte o telegrafista presenciou o espectáculo dos seus restos mortais, antes de lhe entregar a correspondência do vate, apiedou-se e confidenciou-lhe o único alívio realista que conseguiu engenhar:

— Beatriz agora é uma beleza. Mas daqui a cinquenta anos será uma velha. Consola-te com esse pensamento.

A seguir estendeu-lhe o pacote com o correio e, ao desprender o elástico que o amarrava, uma carta chamou de tal maneira a atenção do rapaz que abandonou outra vez o resto em cima do balcão.

Encontrou o poeta matando as saudades de casa com um opíparo pequeno-almoço no terraço, enquanto as gaivotas esvoaçavam aturdidas pelo reflexo do sol a pique sobre o mar.

— Don Pablo — sentenciou com voz transcendente —, trago-lhe uma carta.

O poeta saboreou um gole do seu penetrante café e encolheu os ombros.

— Sendo tu carteiro, não me admira.

— Como amigo, vizinho e camarada, peço-lhe que ma abra e ma leia.

— Que te leia uma carta minha?

— Sim, porque é da mãe de Beatriz.

Colocou-lha em cima da mesa, afiada como uma adaga.

— A mãe de Beatriz escreve-me a mim? Aqui há gato. E a propósito, fez-me lembrar a minha *Ode ao Gato*. Ainda penso que há três imagens redimíveis. O gato como mínimo tigre de salão, como a polícia secreta das salas e como o sultão das telhas eróticas.

— Poeta, hoje não estou para metáforas. A carta, por favor.

Ao rasgar o envelope com a faca da manteiga, procedeu com tão involuntária imperícia que a operação excedeu o minuto. «Têm razão as pessoas quando dizem que a vingança é o prazer dos deuses», pensou, enquanto se detinha a estudar o selo colado na face do envelope, considerando cada pêlo da barba do ilustre que o animava, e simulava decifrar o imperscrutável carimbo do posto dos correios de San Antonio, partindo uma estaladiça migalha de pão que se havia impregnado ainda na posse do remetente. Nenhum mestre do cinema policial teria deixado o carteiro em semelhante *suspense*. Órfão de unhas, mordeu uma a uma as pontas dos dedos.

O poeta começou a ler a mensagem com a mesma cadência com que dramatizava os seus versos: